



Coordenadoria
do Curso de Letras



Universidade Federal
de São João del-Rei

ALINE SILVA FERNANDES DO VALE

**VIVENDO A DIÁSPORA: A BUSCA IDENTITÁRIA DOS PERSONAGENS
CARTOLA E AQUILES EM *LUANDA*, *LISBOA*, *PARAÍSO* DE DJAIMILIA
PEREIRA DE ALMEIDA**

Dezembro de 2022

ALINE SILVA FERNANDES DO VALE

**VIVENDO A DIÁSPORA: A BUSCA IDENTITÁRIA DOS PERSONAGENS
CARTOLA E AQUILES EM *LUANDA, LISBOA, PARAÍSO* DE DJAIMILIA
PEREIRA DE ALMEIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenadoria do Curso de Graduação em Letras, da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras.

Ênfase: Estudos Literários

Orientadora: Profa. Dra. Eliana da Conceição Tolentino

**São João del-Rei
Dezembro / 2022**

AGRADECIMENTOS

Concluir o TCC e minha formação no curso de Letras sempre foi um sonho, e graças a minha rede de apoio tornou-se possível. Aqui agradeço por todos eles.

Aos meus pais, Mauro e Sueli, que me incentivaram durante toda graduação e me ensinaram a não desistir.

A professora Eliana, que me orientou, aconselhou e segurou minha mão em todos os momentos desde a idealização do projeto.

Ao meu namorado, Francival, minha amiga Mariana e todas as outras que por inúmeras vezes me ouviram falar sobre a pesquisa, detalhadamente, em cada parte do trabalho.

A todos meus colegas da graduação que compartilharam comigo cada emoção nas diversas etapas do curso de Letras, principalmente Ysadora, Sara, Juliana, Manuela e Tatiane que me deram toda força neste último período.

As professoras de português, inglês e redação das Escola Municipal Hildebrando Teixeira e da Escola Estadual Doutor Antônio Batista do Nascimento, que sempre foram e são uma inspiração para mim.

Por fim, aos docentes do Curso e à Coordenação do Curso de Letras da UFSJ, que me ensinaram e me apoiaram desde o primeiro período, agradeço por todo conhecimento compartilhado.

*Não vivo de escrever, mas escrever é quem sou. [...]
Nunca antes na História uma mulher como sou podia
aspirar a um destino semelhante ao que vivo. Queria
alguém saber do que pensava, ou imaginava, do que via
ou sentia uma preta? Queria alguém saber de uma preta
com queda para as palavras? [...] De tanto escrever a
minha negritude fez-se palavreado longe das coisas.
[...] Foi escrevendo que me encontrei com a minha pele.
Escrevendo, entendi-me negra.*

Djaimilia Pereira de Almeida (2022)

Resumo: *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2018), da autora angolana Djaimilia Pereira de Almeida, narra a trajetória diaspórica dos personagens Cartola e Aquiles. Aquiles nasce no ano de 1970 em Angola, com má-formação no calcanhar esquerdo. Quinze anos depois, pai e filho decidem mudar-se para Lisboa para tentar uma cirurgia e, principalmente, com a esperança de se tornarem cidadãos de Portugal. O trabalho propõe uma leitura da busca identitária de Cartola e Aquiles nos espaços de Luanda, Lisboa e Paraíso, e da experiência diaspórica sofrida pelos personagens, e como o deslocamento os conduz a um espaço que não é mais Angola, mas que também não é Portugal, e sim um “entre-lugar”. Durante a narrativa, é possível notar como os espaços que pai e filho transitam os exclui e, assim, são afastados da cidade para um subúrbio de Lisboa chamado Paraíso. Como fundamentação teórica trazemos Stuart Hall (2006) para refletir sobre a identidade e discutir a diáspora, Silviano Santiago (2000) e Homi Bhabha (1998) para pensar o entre-lugar que os personagens se encontram no romance.

Palavras chaves: *Luanda, Lisboa, Paraíso*; diáspora; identidade; entre-lugar.

Abstract: *Luanda, Lisbon, Paradise* (2018), by Angolan author Djaimilia Pereira de Almeida, narrates the diasporic trajectory of the characters Cartola and Achilles. Achilles was born in 1970 in Angola, with a malformation in his left heel. Fifteen years later, father and son decide to move to Lisbon to try a surgery and, mainly, with the hope of becoming citizens of Portugal. The following work proposes a reading of the diasporic experience undergone by Cartola and Achilles and how the change leads them to a space that is no longer Angola, but is also not Portugal, but a "between-place". During the narrative, it is possible to notice how the spaces that father and son transit excludes them, and thus they are removed from the city to a suburb of Lisbon called Paraíso. The paper proposes to discuss Cartola and Achilles' search for identity in the spaces of Luanda, Lisbon, and Paraíso. As a theoretical foundation we bring Stuart Hall (2006) to reflect on identity and discuss the diaspora, Silviano Santiago (2000), and Homi Bhabha (1998) to think about the in-between places that the characters find themselves in the novel.

Keywords: *Luanda, Lisboa, Paraíso*; diaspora; identity; between-place.

SUMÁRIO

1	Introdução.....	8
2	Luanda, Lisboa, Paraíso.....	12
3	O processo diaspórico na narrativa.....	17
4	Considerações finais.....	28
5	Referências bibliográficas.....	30

1 Introdução

O interesse pelo trabalho aqui desenvolvido surgiu a partir da disciplina “Linhas mestras da literatura portuguesa”, ministrada pela professora Eliana da Conceição Tolentino no ano de 2019 na UFSJ, no âmbito do Curso de Letras. Nessa disciplina, pude conhecer mais sobre a história dos retornados das ex-colônias portuguesas em África, aqueles que voltaram para Portugal, pós- independência, após a Revolução dos Cravos. E pude então compreender, ainda que no âmbito de uma disciplina de graduação, a recepção dos portugueses com aqueles que saíam de colônias africanas e se sentiam estrangeiros em seu país de origem. No ano seguinte, cursei a disciplina “Literatura africana de língua portuguesa”, na qual me interessei muito por escritores angolanos, como José Eduardo Agualusa, José Luandino Vieira e Ondjaki. A partir de leituras complementares, conheci Djaimilia Pereira de Almeida e *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2018). Foi minha primeira leitura da autora, indicada pela professora Eliana. Acredito ser importante como a escritora escreve as vivências negras e seus processos de identificação e pertencimento em suas obras. Logo que realizei a leitura de *Luanda, Lisboa, Paraíso* pude perceber a relevância em discutir a identidade daqueles que sofrem a diáspora, principalmente aqueles que vêm de espaços colonizados, no qual tem sua identidade e cultura subalternizada.

O trabalho procura discorrer rapidamente sobre o processo histórico colonial e descolonial angolano, para assim entender o cenário que os personagens se encontram durante a narrativa. Posteriormente, traremos para a discussão Stuart Hall com *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006) para refletir sobre a identidade e para discutir a diáspora, *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2003), Silviano Santiago (2000) com “O entre-lugar do discurso latino americano”, ensaio que se encontra no livro *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural* e Homi Bhabha com *O local da cultura* (1998) para pensar o entre-lugar que os personagens se encontram no romance. Desse modo, o trabalho propõe como foco discutir a busca identitária de Cartola e Aquiles nos espaços de Luanda, de Lisboa e de Paraíso.

A expansão marítima de Portugal, que se iniciou em meados do século XIV e XV, tinha como objetivo levar ao império riqueza, glória e expandir a fé católica. Boris Fausto (2006), no primeiro capítulo do livro *História do Brasil*, “As causas da expansão marítima e a chegada dos portugueses ao Brasil”, escreve que na Europa do século XV, enquanto os reinos se encontravam divididos e em constantes batalhas territoriais, Portugal já era um reino unificado desde o século XII. Com isso, cresceu o interesse e os conhecimentos sobre as navegações, desenvolvendo vantagens em relação a outros reinos. As viagens marítimas começaram já com

prévios saberes geográficos que, conseqüentemente, levaram os navegantes à costa do continente africano. Assim, os territórios que hoje são países de África - Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Angola - foram espaços explorados desde aquele período até início dos anos 1970.

Tem-se o conhecimento que os portugueses estão presentes no continente africano desde o século XV, porém o processo de colonização angolana se deu efetivamente no século XIX. Alexandra Marques, no capítulo “A Revolução de Angola” do livro *Segredos da descolonização de Angola* (2013), destaca que a chegada à nova terra aconteceu de forma lenta e houve muita resistência dos nativos. Assim, desde a chegada dos portugueses seguiram-se quase 500 anos de dominação sobre as colônias.

Aqui é importante discutir um pouco sobre Portugal e sua instabilidade política que, claro, foi umas das principais causas para a independência das colônias africanas. Assim sendo, Portugal se torna uma república em 1910 e, nesse momento, parte para Angola com mais agressividade, tomando territórios que ainda não eram dominados. Propriedades privadas foram invadidas e os cargos políticos começaram a ser ocupados apenas por portugueses e angolanos, submetidos a trabalhos forçados. Essas ações certamente geraram um extremo desconforto nas colônias.

Além disso, em 1926, António de Oliveira Salazar chegou ao poder em Portugal, onde permaneceu por quarenta e um anos. O Estado Novo português foi um movimento tradicionalista, a ditadura de Salazar ou Salazarismo. Seu governo ficou marcado por ser antidemocrático, antiliberal, corporativista, colonialista e conservador. O governo nacionalista se recusava a aceitar a independência das colônias e não só Angola passou por anos de guerra para que a separação fosse aceita, mas também todas as colônias dominadas por Portugal, como Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe.

O Salazarismo entrou em decadência na década de 60, devido à dificuldade do governo em adaptar-se às mudanças enfrentadas pelo país, como o fortalecimento das oposições ao regime e também por questões econômicas (MARQUES, 2013). O enfraquecimento do governo resultou no fortalecimento dos movimentos em prol da independência nas colônias.

Embora tenha somente registrado em 1961 o ano de início das rebeliões nas colônias em África, os movimentos de libertação iniciaram-se nos anos 1950. Angola foi a primeira a lutar por sua libertação, lá a guerra perdurou por treze anos, de 1961 a 1974. A FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola) são exemplos de organizações fundadas nos anos 50 com o intuito de promover a independência de Angola. O

processo de descolonização foi lento e somente em 1975 é assinado o Acordo de Alvor entre o governo português e esses principais movimentos de libertação de Angola, em Alvor, Portugal.

A emancipação de Angola provocou o movimento migratório de ex-combatentes, ex-funcionários coloniais, os retornados e seus descendentes para Portugal. A instabilidade político-econômica provocada pelas guerras civis africanas, seguidas pela independência, acarretou o regresso dessa população a Portugal. Atualmente, um dos motivos que levam muitos africanos dos PALOP a estabelecerem-se em Portugal é a procura de tratamentos médicos e oportunidades educativas e profissionais.

Patrícia Martinho Ferreira (2022), no artigo “A “cidadania dos mortos” na Lisboa pós-imperial: reflexões em torno de *Luanda, Lisboa, Paraíso e Maremoto*”, corrobora com essa ideia pontuando que são vários os motivos que levam à mudança continental e podem ser políticos, econômicos ou ambientais. Esse deslocamento provoca múltiplos desdobramentos na identidade e sentimento de pertencimento.

Ademais, Portugal se depara com um novo desafio: receber os filhos do império (ANGOLA), o que “obriga naturalmente a uma reflexão sobre a experiência das comunidades africanas e afrodescendentes em solo português.” (FERREIRA, 2022). Esses fatos, claro, estão presentes na literatura, apresentando o ponto de vista do migrante, sua questão identitária individual e coletiva.

Pensando que as heranças da colonização ainda resvalam na cultura e na literatura angolana, Djaimilia Pereira de Almeida é exemplo de uma escrita voltada para o processo de libertação. Suas obras discutem temáticas como raça, gênero e identidade, aos olhos dos filhos do império português. Em sua escrita, principalmente no livro que é o *corpus* deste trabalho, os personagens estão em movimento diaspórico para Portugal.

Djaimilia Pereira de Almeida é uma jovem escritora que tem atraído a atenção do público e da crítica literária, rendendo-lhe diversas premiações. No *site* oficial da autora informa-se que *Esse cabelo* (2015) venceu o Prêmio Novos – Literatura 2016. Esse seu primeiro livro traz uma narrativa sobre a afirmação de uma identidade africana no espaço europeu aos olhos de Mila, alter-ego da autora, combinando memórias e ficção para reescrever sua identidade a partir do que representa um cabelo crespo em uma sociedade racista. Já o livro *A visão das plantas* (2019) tem como protagonista o capitão Celestino, um ex-traficante de escravos que termina a sua vida, isolado, a cuidar amorosamente de um jardim. A história retrata o regresso à casa da infância tomada pela vegetação e pelo tempo. Seu regresso, porém,

traz a lembrança de uma vida de crimes, que reflete diretamente em seu presente, alimentando segredos, memórias e pesadelos.¹

Djaimilia Pereira de Almeida é uma escritora angolana, nascida em 1985, que viveu quando criança nos arredores de Lisboa, Portugal. Mudou-se ainda criança com o pai e cresceu com a família paterna. A mãe ficou em Angola, contou a autora em uma entrevista para o Instituto Moreira Salles, publicado na *Revista Serrote*, em julho de 2022. Djaimilia conta das dificuldades em crescer em uma família branca portuguesa e como isso afetou sua identidade.

O meu pai sempre tratou o facto de eu ser negra como um segredo que ele escondia de mim. Julgo que, desse modo, imaginava proteger-me do racismo [...] Nunca expliquei ao meu pai o que fui aprendendo sobre ser uma mulher com a minha cor de pele em Portugal. Nunca contei com ele nessa marcha dolorosa (ALMEIDA, 2022, p. 11).

Djaimilia acrescenta que o fator diferencial para as obras dela é o tempo, se tivesse nascido a cinquenta anos atrás não teria oportunidade de contar histórias de seu povo, suas vivências, assim como a mãe, avó e bisavó não puderam. Ela afirma ainda que o tempo, a viagem e mudança para Portugal, aliada à vivência com o pai em Lisboa são experiências que a conduziram a escrever, contar uma nova história ou apresentar outro ponto de vista. Em geral, suas obras refletem as influências coloniais e aborda as complexidades da realidade do indivíduo em diáspora “manifestando diversas formas das poéticas em trânsito – o deslocamento, a diáspora, o exílio e as fronteiras geográficas, políticas e socioculturais” (FERREIRA, 2022).

Luanda, Lisboa, Paraíso foi publicado em 2018 pela Companhia das Letras, no Brasil. Durante o trabalho usaremos a sigla LLP para nos referirmos ao título do livro. O romance trata da diáspora de pai e filho para a antiga metrópole, trata ainda da trajetória dos personagens angolanos diante dos preconceitos e das situações que enfrentam na capital lisbonense.

¹ C.f. <https://djaimilia.com/>. Acesso em 14 de março de 2022.

2 Luanda, Lisboa, Paraíso

O título da obra traz algumas reflexões, como os espaços que os personagens transitam durante a narrativa, Luanda é a capital do país que estão deixando, e Lisboa a capital aonde vão chegar, e igualmente destacado tem Paraíso, não é cidade e nem possui identidade de um único povo, uma vez que o espaço é habitado por migrantes de várias nacionalidades.

Luanda, Lisboa e Paraíso começa com o nascimento de Aquiles. O menino nasceu em Luanda, 1970, com o calcanhar esquerdo malformado e os médicos avisaram o pai que havia possibilidade de ele fazer uma cirurgia aos quinze anos, em Lisboa, o que tornaria seu calcanhar perfeito. Assim, toda a família Sousa espera ansiosamente para o ano de 1985, quando pai e filho atravessariam o continente, não só para consertar o calcanhar, mas para mudar a vida de todos os familiares.

O nome Aquiles tem origem no grego *Achilleus*, e surgiu com a união dos termos *akhos* e *laos*, o primeiro significa “dor” e o segundo, “nação”. Assim, a junção dos radicais traz para o nome o sentido de “sofrimento do povo”. Aquiles, na mitologia grega, foi um grande herói que saiu de casa para lutar na Guerra de Tróia e defender seu povo. Lutou bravamente, mas foi atingido por uma flecha no único ponto fraco do corpo do guerreiro, o calcanhar. No mito, o calcanhar é vulnerável porque é a única parte do corpo que não é posto em contato com o fogo da imortalidade. No *Dicionário de símbolos* de CHEVALIER e GHEERBRANT, "o calcanhar vulnerável de Aquiles simbolizava a vulnerabilidade de sua alma; sua propensão à cólera, causa de sua perdição". (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 356).

Na narrativa do livro em estudo, é importante perceber que o nome escolhido pelo pai foi proposital “O pai deu-lhe um nome helénico, tentando resolver o destino com a tradição.” (ALMEIDA, 2018, p. 7). O filho nasce com a má formação no calcanhar, e como o herói grego, tem sua vulnerabilidade no calcanhar. Mas também, como é o desejo de Cartola, pode ser o filho que dará vitória para seu povo, e no caso do pai, essa glória é a cidadania portuguesa.

Os primeiros cinco anos de vida da criança passam com a crescente paralisia da mãe Glória, junto à iminência da Independência de Angola. Toda a família agarrava-se à esperança do dia da viagem para a cirurgia no calcanhar do filho. Para os personagens, a mudança de endereço seria como se trocassem também de nacionalidade. Finalmente, chega 1985 e Cartola faz questão de arrumar as malas que levariam na viagem. O homem repetia os nomes das ruas lisboetas, treinando a pronúncia. Guardaram mandioca e comidas típicas da região em um

jornal e partiram com “a bagagem de um corsário e não a de um pai aflito, muito menos a de um imigrante” (ALMEIDA, 2019, p.19). E assim, seguiram de braços dados pai e filho.

Ninguém os esperava no aeroporto de Lisboa. Pai e filho ficaram na Pensão Covilhã, quarto 111, com mofo, um colchão e sem grandes vistas. Saíram pela cidade, com gana de conhecê-la, passeavam nas ruas mesmo sem terem certeza para onde estavam indo, pegaram chuva, mas estavam gratos pela cidade.

Para Aquiles, era assustador ver seu pai tão entregue à cidade, com coragem e discurso de um jovem esperançoso, pois se o pai sonhava, sobrava a ele a responsabilidade.

Ao olhar para a cara do pai, os olhos de Cartola atingiram o filho com uma ingenuidade que o assustou. Parecia ter regredido décadas e ser agora mais novo do que ele. Um horizonte reabria-se para Cartola numa imensidão onde Aquiles não cabia. (ALMEIDA, 2019, p. 31).

Tanto a primeira como as três outras cirurgias que Aquiles passou, não deram o resultado esperado. O corpo já tomava forma de homem, o calcanhar parecia uma parte estranha ao resto e o tratamento do mesmo não resultou em nenhuma melhora. Em Portugal, Cartola contava com a ajuda de Barbosa da Cunha, este, um médico loiro da metrópole que trabalhou em Luanda e teve Cartola como seu auxiliar. Após anos trabalhando juntos, foi convidado para um almoço na casa do médico, que, sem muito entusiasmo, fez o dia do casal Sousa mais feliz em Angola.

Ao fim de ano e meio de camaradagem, Barbosa da Cunha convidou o casal Sousa para refrescos e maionese de lagosta em sua casa, na zona fina da cidade, sábado seguinte. Basta dizer que o parteiro não pregou olho na véspera e queimou nove cigarros à janela ao som da máquina de costura na qual Glória terminava a saia do conjunto carmim que estrearía na ocasião. (ALMEIDA, 2019, p. 35).

Em Lisboa, Cartola marca um almoço com o colega, se arruma e o recebe como se o restaurante a ele pertencesse. Aquiles não aprovava a forma de agir do pai, que pareceu ao filho um homem vendido. Cartola conta sobre a viagem para o médico e combinam de sair para beber e conhecer Lisboa, afinal, eram amigos. “Foi a 19 de novembro [...] Comeram, pagou-se a conta, despediram-se, entraram no metrô como dois fantasmas perdidos na hora de ponta.” (ALMEIDA, 2019, p. 38).

Com o tempo, Aquiles e Cartola perderam o encanto inicial pela cidade e fingiam não ter azar, nem dores do corpo, no dente e que não sentiam fome. Adoecer seria um privilégio que não tinham, e por isso se preveniam toda manhã chupando um bagaço de limão. As contas na pensão se acumularam e Barbosa da Cunha parara de atender as ligações do amigo, que lhe

pedia empréstimos. Para Aquiles, Lisboa não era generosa, muito menos salvadora. O jovem chegou a acreditar que podia ser quem quisesse, mas percebeu que não tinham dinheiro e mal se abria com o pai. Sozinho, com o decorrer do tempo, “Quando Aquiles deu por si, era um homem e tinha o pai às costas. Fala-se da luz de Lisboa, mas ela não iluminou Aquiles. Penou, sonhou e, num dia como outro qualquer, secou antes de dar flor.” (ALMEIDA, 2019, p. 65).

Cinco anos se passaram, Cartola não soube mais de seus documentos que confiou a Barbosa da Cunha. O tratamento de Aquiles termina nesse mesmo ano, 1980. O calcanhar não é curado, mas ele consegue se equilibrar sozinho com as muletas. Pai e filho saem da Pensão Covilhã sem deixar amigos ou saudade. Mudaram-se para um casebre, alugado por uma senhora, prima de uma funcionária do serviço de Cartola em um pátio no fim da estrada velha de Paraíso, um subúrbio da cidade.

No novo bairro, os personagens conhecem Pepe, que veio de Galiza com os tios ainda bebê e, desde então, vivia na estrada velha de Paraíso. Herdara uma taberna desses mesmos tios e vivia com o dinheiro do trabalho, tivera um amor que o abandonou, deixando o filho Amândio. O pai morava com o filho, mas eles não se davam bem. Até a mudança dos Sousa, seu único amigo era Tristão, um cão que estava com ele desde o nascimento. Pepe e Cartola se tornaram amigos, confiavam um no outro e, desde que se conheceram, não se separaram mais. Todos no local conheciam ambos por serem uma dupla para tudo.

Justina, a filha mais velha de Cartola, viaja até Lisboa com a filha, no ano de 1992. Com a chegada da filha, o homem e o menino andavam mais animados e limpos, a casa também foi cuidada, as contas foram pagas e havia comida pronta sempre que chegavam à casa. Quando ela vai embora, deixa tudo em perfeita organização em casa: roupas passadas e dobradas, flores no jarro, cama com lençol. Para Justina e Neusa, era deprimente voltar a Luanda com a guerra da Independência acontecendo. Para pai e filho, aquele verão fora como um sonho, com os cuidados da filha tinham se sentido bem, mas desde que fora embora eles mal conversavam entre eles. Cartola começou a beber e

No sétimo outono, Aquiles deu-o como causa perdida. Sem o dizer, despachou-o como a um imigrante, condição que negava ser a sua. Sete anos de Lisboa, Cartola babava-se a comer e, se tentava levantar a voz, engasgava-se. (ALMEIDA, 2019, p. 130).

Aquiles, uma noite sai para pensar em sua vida e acaba se perdendo nas ruas de Lisboa, volta para casa somente no amanhecer do dia e quando chega ao Paraíso vê uma fumaça ao longe e percebe que sua casa pegou fogo. Não sobrou nada, tudo estava manchado com uma gosma preta, era pó.

No inverno após o incêndio, pai e filho nem se falavam, mas tiveram a amizade de Pepe que os deixou dormir no porão da taberna e, com a ajuda do amigo, começaram a levantar a casa nova para a senhoria. Amândio também auxiliou e “Quando os angolanos chegavam da obra, os quatro tinham encontro marcado e já não queriam saber se lhes doíam as costas [...]” (ALMEIDA, 2019, p. 165). Em meados de julho terminaram a casa, de número 22, como dizia a placa que Pepe pendurou na porta.

Depois que o projeto da casa havia sido concluído, a dupla de amigos resolveu ajudar Iuri, uma criança do bairro, simples, mas com um sorriso nos olhos, em que cada um dos quatro personagens veem suas esperanças depositadas. Iuri morava com a avó, que não podia e nem fazia muito pelo neto. O grupo se organizou e cada um ajudou o menino no que podia. Pepe o colocou para atender na taberna, e aprender desde cedo a administrar. Aquiles ficou encarregado da aparência do menino, cortou o cabelo, limpou as unhas, passou a roupa. Cartola encarregou-se de colocá-lo na escola e, com seis anos, ele aprendeu a escrever o próprio nome.

Foi em um domingo que o menino passou no galpão da taberna, para buscar garrafas e Macieira, que haviam acabado, quando viu uma caixa entreaberta no chão e, dentro dela, duas granadas embrulhadas. “O menino agarrou numa delas, sentiu-lhe o peso, cheirou-a, deu-a a cheirar ao cão. Tirou a cavilha. E atirou a granada contra a parede com toda a força, para ver o que acontecia, o que mudava, o que podia melhorar.” (ALMEIDA, 2019, p. 187).

A avó de Iuri juntou-se à vizinhança para processar Pepe, pois o neto morreu em sua propriedade, trabalhando para ele. Pepe caiu na bebedeira, sonhava com a guerra. Sentia-se mal e culpado com as acusações da avó de Iuri. Vinte dias depois, não aguentando toda a pressão, Pepe se suicida e deixa um bilhete para seu melhor amigo pedindo perdão por não conseguir seguir mais com a vida. Para Cartola, algo se quebrou ali, mal conseguia ficar dentro de casa após o acontecido, o local lembrava a perda de pessoas queridas. Para Aquiles, a cidade e a saudade de Angola, seu sentido de pertença, foi se transformando:

De Portugal, a cidadania dos mortos foi o seu único visto de residência. Da cidade de onde tinha vindo, e que em tempos se chamara Luanda, pouco restava depois do grande incêndio do tempo e, além disso, continuava a ser muito longe. (ALMEIDA, 2019, p. 194).

Por fim, Cartola de Sousa compra uma cartola, não suporta mais se ver no espelho, pega o chapéu sem mesmo experimentar. Saiu a andar e parou em frente ao Tejo e, de frente, encarou o rio por alguns minutos. “E, como o rio não suportasse olhá-lo a direito nem lhe respondesse, desconversando num marulhar ambíguo, o homem tirou a cartola, jogou-a à água, e virou costas” (ALMEIDA, 2019, p. 198).

O nome do personagem também carrega um sentido uma vez que cartola, segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa* (2000, p. 151), o substantivo comum, é um chapéu alto de forma cilíndrica, usada com trajes finos por indivíduos de posições influentes na sociedade. O Cartola da narrativa teve influência em Angola, foi assistente do médico Barbosa da Cunha, e posteriormente, atendia na varanda de casa, era procurado para ajudar aqueles que precisavam de assistência médica. Porém, é em Lisboa que o personagem sonha com uma posição de reconhecimento, e a cartola faria parte do traje do protagonista para se apresentar na nova capital, sonhando assim pertencer ao local. No momento em que não suporta se ver refletido nas águas do Tejo com a cartola que não lhe caiu bem, o ato de jogá-la na água, dispensar-se dela aponta para a consciência de seu não pertencimento àquele lugar, pois “Foi-lhe [a Cartola] claro naquele instante que não viajavam para Portugal, mas para sempre” (ALMEIDA, 2019, p. 26). Cartola tem a consciência de seu entre-lugar, de não mais pertencer a Angola ou a Portugal como sonhou, mas de seu deslocamento constante, de seu não pertencimento a lugar algum.

3 O processo diaspórico na narrativa

A diáspora é entendida como o movimento migratório, ou seja, o espalhamento de povos, seja por opção própria ou forçada, e precisam se estabelecer em outros espaços. No ensaio é levantado o questionamento sobre onde começa e termina a fronteira de quem passa pela diáspora. Este movimento pode ser desafiador até mesmo para aqueles que culturalmente e historicamente são próximos. Uma pessoa que viva no espaço colonizado, como é o caso dos personagens do livro em análise, pode mudar-se para o país que o colonizou, mas as diferenças diante da população local serão apontadas no âmbito cultural, racial e conseqüentemente, no espaço físico. Afinal, é justamente por causa do centro de Lisboa ser negado aos protagonistas, através de preconceito e inoportunidades, que eles vão a Paraíso.

No livro *LLP*, os personagens principais decidem-se mudar para Lisboa no ano de 1985 para que aconteça uma cirurgia no calcanhar de Aquiles. Esse movimento diaspórico acontece por decisão do pai, Cartola, que tem uma admiração para com Lisboa e os portugueses e tem também esperanças de que na capital a vida iria mudar, não porque foi prometido por alguém, mas pela ideia de prosperidade que o personagem tem da cidade, reproduzindo a visão do colonizador. Para Cartola, Lisboa representa a ascensão, e por mais que em Angola ele vivesse bem, é na capital que vai ter acesso à modernidade, recursos, desenvolvimento e oportunidades.

Os personagens Cartola e Aquiles sentem as diferenças no âmbito cultural, racial e espacial logo que chegam a Lisboa. Para Aquiles, não existe nada na cidade que afirme sua identidade, pelo contrário, há uma exclusão, afastamento da própria cidade para com os personagens, “Ninguém esperava no aeroporto, mas era Portugal [...] dentro de um táxi, com olhar curioso de duas crianças, viram Lisboa pela primeira vez. Pareceu-lhes pequena e escura” (ALMEIDA, 2019, p. 27).

Iluminado por uma pequena lâmpada à janela, afligido pelo medo de sair do quarto que o consumira o dia inteiro (dissera ao filho, que se aventurara no café da esquina, que lhe doía a cabeça), o pai sentiu aos ombros a cidade desconhecida, de que o muro visto da janela parecia o portal cerrado. O quotidiano ainda não subtraía a fantasia. [...] Tinha chegado a Lisboa tarde demais, depois de lhe ser possível domesticar a cidade. De cabeça, decalcava Lisboa por cima de Luanda: Sagrada Família-Mosteiro dos Jerónimos, Ilha-Cacilhas, Prenda-Prior Velho. [...] Sabia ir do Campo Grande aos Restauradores, traçado que imaginara anos a fio como uma marcha triunfal. Aterrado em Lisboa, porém, a cidade não era como tinha projetado. Nada ficava perto de nada nem era tão imponente como nos postais ilustrados do passado. (ALMEIDA, 2019, p.28-29).

Cartola sentiu medo da cidade, do que encontraria na rua e como seria visto e tratado, apesar de já ter decorado todo o mapa de Lisboa. Já na chegada ao local não houve nenhuma recepção, que o pai esperava, devido a ideia que havia construído do médico Barbosa da Cunha. Quando os personagens percebem que não tem ninguém esperando, é notável a necessidade de terem uma orientação do que fazerem. Para Cartola faz diferença esse acolhimento, pois era o que esperava de Portugal.

Quando chegaram à pensão Covilhã, a recepção cheirava a mofo, o quarto era gelado, úmido e “a janela americana enferrujada abria-se para um muro e um contentor do lixo” (ALMEIDA, 2019, p.28). No centro da cidade, Cartola andava com medo de ser pego pela polícia e não conseguir explicar quem era e o que fazia “A sua expressão ambígua era de quem estava pronto a morrer ao virar a esquina” (ALMEIDA, 2019, p.25). O centro era admirado pelos viajantes, mas ao mesmo tempo Cartola tinha medo do desconhecido pois

Mas no interior de Cartola o mapa era ainda o mesmo. Caminhava sem referências. A nova cidade descarnada, sem arruamentos definidos, entontecia-o. Sentia as pernas tremer, perdia o equilíbrio, mesmo que soubesse não estar perdido. (ALMEIDA, 2019, p. 29).

É interessante perceber que o pai se sente perdido durante a narrativa, mas não é uma desorientação física, afinal, ele fez questão de gravar o nome de todas as ruas de Lisboa, é sim uma desorientação, uma frustração diante da realidade daquele espaço.

Stuart Hall (1998) escreve sobre o desconforto gerado pelo choque cultural daqueles que vivem a diáspora. Aquiles sente este mal-estar logo que sai de Luanda e vê no olhar do pai uma ingenuidade assustante. Para Cartola, a experiência de mudar de país dava a ilusão de que podia começar do princípio sua vida “aquela era sua segunda juventude”, enquanto Aquiles “não podia impedi-lo de se atirar nos braços de Lisboa e de se magoar” (ALMEIDA, 2019, p. 31). E assim, já no primeiro dia que poderiam turistar pelos pontos conhecidos da cidade, foram pegos por uma chuva forte e fria.

A água, nessa passagem do livro, tem forte significado para se pensar na identidade dos personagens. A água, segundo o *Dicionário de Símbolos* de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, “remete à purificação e à limpeza”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p.15). A chegada da chuva junto dos personagens à cidade simboliza uma transformação, um batizado que pai e filho passam para renascerem de novo em Lisboa. A água tem este papel na construção narrativa e é interessante frisar que o filho tem 15 anos na época da viagem, que acontece na idade de “debutar”; historicamente a palavra significa iniciante, no qual o sujeito passa por um ritual de passagem da infância para a juventude. No livro, além da passagem simbólica para a

fase adulta, significa também a idade que Aquiles “consertaria” o calcanhar e se tornaria um igual, aos olhos dos outros.

Para Aquiles, a ilusão do pai tornava a experiência perigosa e utópica e pensava “Como poderia um rapaz sentir que perdera tudo se ainda não tinha uma história? A chuva dava-lhes as boas-vindas a Lisboa e, ao mesmo tempo, despia-os” (ALMEIDA, 2019, p. 31). Nesse trecho, entendemos que a percepção da situação para ambos é diferente. A água para Cartola o faz renascer para aquele espaço, prepara-o. Enquanto para Aquiles, a mesma água que dá "boas-vindas" pode sabotá-los.

Aos poucos, a chuva foi abrandando e a roupa dos dois tornou-se pesada. Apenas a respiração deles mantinha uma temperatura quente. Entre as nuvens perpassaram raios de luz e eles ganharam algum ritmo. O som dos carros abafou o rumor do vento. Fora um aguaceiro, mas tinha chegado para revelar que a cidade era uma incógnita. Do cimo da Rotunda, Lisboa era perigosa. (ALMEIDA, 2019, p. 31).

Ao pensar no movimento diaspórico dos personagens da obra de Djaimilia Pereira de Almeida, é importante pensar também no entre-lugar discutido por Silviano Santiago (2000) e Homi Bhabha (1998), uma vez que os entre-espços que os protagonistas são levados a seguir foram consequências da diáspora Angolana em Portugal. O movimento diaspórico desperta nas pessoas um sentimento de não pertencimento e esse desconforto faz com que não se adequem a seus lugares de origem e nem ao país que se mudaram, restando o entre-lugar das nações, e assim, não pertencem a nenhum dos dois locais.

O entre-lugar seria o espaço que os povos migrantes viriam a interagir e dialogar, a fronteira entre duas regiões, que ao mesmo tempo que aproxima, limita e separa os espaços. As postulações feitas por Santiago (2000), embora partam do ponto de vista do discurso latino-americano, iremos tomar de empréstimo para pensar o discurso angolano, afinal, alguns aspectos do ensaio são semelhantes ao que acontece com os personagens de Luanda, Lisboa, Paraíso no trajeto entre Angola e Portugal.

No ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”, Silviano Santiago (2000) escreve sobre a dependência cultural gerada aos povos que são colonizados, mesmo que o processo de ocupação do branco no novo mundo não tenha sido com o objetivo de expandir sua cultura, mas isto acontece inevitavelmente para ambas as partes. A diferença é que, para o colonizado, constitui-se sob o “uso arbitrário da violência e a imposição brutal de uma ideologia” (SANTIAGO, 2000, p. 11).

O teórico aponta que existe uma manifestação de superioridade nos discursos culturais do europeu, que por sua vez, estão cheios de ausências quanto ao sujeito subalternizado. No texto, ele questiona onde estão as colônias nos discursos do europeu que, como aponta Boaventura Santos (2010) no ensaio “Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade”, é totalmente instigada pela cultura ocidental, tanto na língua quanto na literatura. O que estes teóricos propõem é problematizar o narrar europeu e lembrar que a história não tem um único lado e olhá-lo por um único viés “cria estereótipos”, como coloca Chimamanda Adichie em uma palestra da conferência oficial do TED, em julho de 2009. “E o problema com os estereótipos não é eles serem mentira, são incompletos. Fazem com que uma história se torne na única história.” (ADICHIE, 2019, p.15).

Santos (2010) destaca que tanto a cultura europeia quanto a africana, ao se encontrarem, condensam-se, mesmo que uma seja imposta sobre a outra, elas não são binárias, e, ao se esbarrar, produzem efeitos sobre o outro. Porém, ainda é necessário pensar uma inversão de valores para criar uma literatura do ponto de vista do outro. No caso do livro em análise, encontrar o lugar próprio do angolano na cultura e espaços portugueses.

Silviano Santiago explica que, para a criação de uma nova literatura, é importante que o escritor reveja a carga cultural imposta, para assim, construir daí seu próprio discurso. Afinal, o discurso subalternizado nos ensina que é necessário rever a imagem de uma América Latina estereotipada e voltar-se também para uma literatura nacional que representa as experiências do colonizado (SANTIAGO, 2000, p. 26). O mesmo pode-se pensar quanto à cultura angolana e Djaimilia Pereira de Almeida é uma autora que busca apontar este outro lado do discurso, voltada para a própria nação, a partir de suas experiências como filha do ex império. Em LLP, a autora destaca principalmente as diferenças raciais, culturais e espaciais dos sujeitos na diáspora.

Destacando agora na obra de Homi Bhabha *O local da cultura* (1998), o autor discute o entre-lugar do migrante e de como os espaços são limitados ao estrangeiro devido à falta de uma identidade nacional. No livro em discussão, a falta de dinheiro, apoio e cuidados, faz com que Cartola e Aquiles sejam obrigados a sair da pensão Covilhã e se mudar para um subúrbio de Lisboa, chamado Paraíso. Ao contrário do nome, o povoado é localizado nas margens da cidade, frente à beira de uma estrada de terra, e os principais moradores da área são também sujeitos diaspóricos de outras partes do continente.

Na introdução do conjunto de ensaios de Homi Bhabha (1998), o teórico destaca que as identidades se constroem nas fronteiras das diferentes realidades. O entre-lugar é compreendido como um pensamento liminar, construído nas fronteiras por aqueles que não

pertencem a uma nação. No livro em análise, é possível observar esse entre-lugar espacial dos personagens, o subúrbio seria o esconderijo daqueles que a cidade não acolhe. Quando chegam ao Paraíso, Cartola não desfaz a mala, como se fosse usá-la a qualquer momento para sair dali e voltar para o centro lisboeta. Mesmo com o tempo passando, Cartola pensa no retorno, e depois de sete anos morando em Lisboa, finalmente a filha vai visitá-los em Portugal. É no momento que Justina chega à casa que o leitor percebe que o pai não desfez a bagagem na casa alugada em Paraíso.

Justina amarrou o cabelo com um lenço e pôs-se ao trabalho logo na manhã seguinte. Retirou das malas arrumadas debaixo da cama do pai a roupa antiga que a vizinhança lhes tinha oferecido. Abriu a bagagem trazida de Luanda (quase intocada) em cima da cama de Aquiles e percebeu que precisava de tapar a boca com um pano por causa do pó. [...] Não fora por descuido que não tinham desfeito as malas. Fora por esperança. Sabiam não ter ainda chegado ao destino. Da noite para o dia, Justina forçava-os a um desembarque, sem se aperceber que sete anos depois a bagagem deles ainda não tinha chegado a Lisboa. (ALMEIDA, 2019, p. 107).

Cartola tem esperança de uma salvação portuguesa, trouxera de Luanda objetos de uso cotidiano em sua mala e assim seguiria sua vida quando chegasse a Lisboa. Mas, assim como a mala que não foi desfeita, Cartola e Aquiles não puderam se desfazer de quem eram para ser “alguém” novo, e por mais que Cartola desejasse, ainda eram migrantes angolanos de um país que foi colonizado.

Hall (1998) aponta que uma vez que o indivíduo sai de sua terra, ele já não pertence mais a ela e no novo lugar que esse mesmo indivíduo for habitar sempre será um estrangeiro. A seguir, lê-se como o pai almeja a mudança, ser um novo homem: “O pai de Aquiles queria vomitar Luanda, mas ainda não conseguia; queria livrar-se da primeira vida, mas ela fazia-lhe frente; passar à próxima etapa, mas era ainda o mesmo homem” (ALMEIDA, 2019, p.43).

É interessante perceber que Aquiles não sonha como o pai, sabia por que estavam lá e sabia também que o pai buscava mais do que o conserto de seu calcanhar. A frustração com o pai bastou para que os medos e desesperança o dominassem. Aquiles sente-se um migrante desde o momento que chega a Lisboa, como mostra a seguir:

[...] Talvez por isso, ainda no hospital, Aquiles tenha deixado de se sentir angolano. Esse olhar de quem vê o mundo da cama, contrariado, a morder-se de raiva porque ninguém o ouve, ninguém acode, foi a sua nacionalidade assim que pisou Lisboa. Não era livre. Era doente. O calcanhar defeituoso era o seu passaporte. (ALMEIDA, 2019, p. 46- 47)

Bhabha (1998) escreve que na construção de novas identidades existe um desejo de reconhecimento “de outro lugar e de outra coisa” (BHABHA, 1998, p. 24). Esse trecho que o autor grifa é uma citação da escrita de Franz Fanon no livro *Peles negras, máscaras brancas* (2015). O texto em questão parte do ponto de vista de um migrante africano em solo francês e como as questões coloniais resvalam no âmbito racial, físico e cultural. Cartola e Aquiles também são migrantes negros na Europa e, obviamente, o racismo é uma das causas da subalternização dos personagens em Lisboa. Fanon (2015), na introdução do livro, em uma discussão para entender a relação entre homem negro e o branco, coloca que o primeiro tem como objetivo e desejo ser o branco, enquanto o segundo basta-se apenas ser humano. Cartola tem a ambição do colonizador, aprendeu durante a vida sobre o ser português e, por isso, prepara uma mudança de postura, linguagem e espaço quando chega a Lisboa, acreditando que o ex-império o reconheceria. Podemos ver no trecho:

Cartola conjugava verbos para Aquiles repetir, marchando ao mesmo tempo «Repete, filho: eu fui, tu foste, ele foi, foste, viu? Vamos: a, ante, após, até... avante, juventude!». Mas Aquiles ponderava se o pai percebia onde estava. Andava ao lado do filho como se fingisse dominar uma língua estrangeira. (ALMEIDA, 2019, p. 30).

Fanon explica que todo povo colonizado, em outras palavras, “todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural” (FANON, 2015, p. 34), toma uma posição frente à linguagem do colonizador e da cultura metropolitana. E assim, quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será.” (FANON, 2015, p. 34). Cartola sabe tudo sobre como ser português e isto o aproximou do médico Barbosa da Cunha e também da metrópole, afastando-o consequentemente de Luanda, mas Cartola não consegue ser português frente ao olhar do colonizador. No serviço, era visto como um estrangeiro mais velho e suas diferenças faziam com que os outros o denominassem como um ser místico, ou seja, distinto ao que eles eram. “Chegavam a tratá-lo por Papá e até lhe pediam que rezasse por eles, imaginando que era bruxo por o ouvirem falar sozinho numa língua desconhecida.” (ALMEIDA, 2019, p. 50). Cartola ainda utiliza de sua língua materna, em momentos sozinho, apesar de adotar o português eurocentro na metrópole. Fanon (2015) comenta sobre o uso da linguagem “do outro” em uma nova nação “Todo idioma é um modo de pensar [...]. E o fato de o negro recém-chegado adotar uma linguagem diferente daquela da coletividade em que nasceu, representa um deslocamento, uma clivagem” (FANON, 2015, p. 39).

Aquiles não se sente lisbonense e, antes disso, já não sentia o mesmo por Angola, indo ao encontro do que Bhabha discute sobre o entre-lugar. Ao perder a nacionalidade, Aquiles desconhece também sua identidade, e após várias cirurgias falhas “o calcanhar ganhou forma, e ele foi ficando homem” (ALMEIDA, 2019, p.33). Porém, a falta de pertencimento de Aquiles o conduz à frustração e insegurança quanto às pessoas ao seu redor, diferente do pai que age com naturalidade quanto às suas decepções. Aquiles,

Ao ver-se ao espelho, sentia-se um boneco em que ninguém pegaria, uma marioneta que tivessem desmontado para ver como funcionava, sem paciência nem engenho para voltarem a pôr como estava. [...] A noção exacerbada do corpo enviava Aquiles ao pai, homem que não imaginava ser capaz de se safar sozinho em Lisboa, um «portuguêsão» dispensado pelo império a que jurara obediência, protegido de um tal Barbosa da Cunha que apenas se dera a ver uma vez desde que tinham chegado a Lisboa.” (ALMEIDA, 2019, p. 33- 34, grifo da autora).

Barbosa da Cunha foi o médico que Cartola conheceu em Luanda, trabalhavam juntos e era uma inspiração para Cartola - homem da capital, importante. Após seu retorno para Portugal, não manteve contato com o amigo, mas acreditou ser Barbosa da Cunha a melhor pessoa para ajudar a resolver toda documentação: a identidade e o visto. Ainda pensando na discussão de Fanon, quanto à experiência vivida pelo negro, destaco:

Sentimento de inferioridade? Não, sentimento de inexistência. O pecado é preto como a virtude é branca. Todos estes brancos reunidos, revólver nas mãos, não podem estar errados. Eu sou culpado. Não sei de quê, mas sinto que sou um miserável. (FANON, 2015, p. 125).

Cartola não existe em Lisboa, sua existência só será validada quando Barbosa da Cunha entregar-lhe o visto, documento concreto que dará a identificação aos personagens. O destino dos protagonistas depende do médico branco e a vivência em Lisboa depende da reciprocidade do povo colonizador. Cartola aprendeu que “não podem estar errados” e por isso é inferiorizado.

esmagado por ninguém saber que tinha partido de tão longe há tanto tempo, chegado a uma praça onde era apenas um par de sapatos; rodeado de gente que não se interessaria por saber como se chamava, preocupado apenas com a aparência de saúde que lhe garantia passar despercebido, movido pelo medo de ir parar à esquadra, de acharem que afetava um sotaque, que tinha a mania, que ali havia gato. (ALMEIDA, 2019, p. 57).

Quando Cartola entrega a Barbosa da Cunha sua documentação, espera-se um acolhimento do médico, ou seja, do colonizador. O personagem, que no papel de migrante em

Luanda juntou com a Família Cartola de Sousa, em Lisboa, porta-se como um ser nacional, um português. E Cartola prendia-se à ideia de confiar no amigo, seu único conhecido na cidade. Sentia medo das consequências de não ter uma documentação:

Não contava a ninguém que não sabia em que pé estava o processo, de que o obstetra pouco ou nada falava. Vivia com medo da Polícia, de uma rusga. Planeava fazer-se de morto caso o abordassem. Parecia pensar que um dia lhe bateriam à porta e lhe diriam que estava tudo tratado, que era enfim português, direito que julgava pertencer-lhe. Não sabia ele conjugar o gerundivo e a origem etimológica da palavra «Tejo»? (ALMEIDA, 2019, p. 73- 74).

Com o tempo, as ligações ao médico não são mais atendidas, seu consultório não o recebe mais e Cartola perde todo o contato com o amigo.

Outro ponto importante de frisar na narrativa são os espaços que são destacados no título. Luanda e Lisboa são capitais de Angola e Portugal, mas Paraíso é apenas um bairro, um subúrbio de Lisboa. É interessante enfatizar que a autora coloca esse espaço no mesmo patamar das metrópoles, focando nos espaços que os personagens transitam durante a escrita. Conforme o que o Bhabha (1998) escreve sobre o entre-lugar, podemos afirmar que Paraíso tem essa função dentro da escrita, de ser o meio entre dois espaços que Aquiles e Cartola não pertencem, Paraíso é o lugar físico que abarca pai e filho e todos os outros segregados pelo ex-império.

Em Paraíso os personagens conhecem Pepe, um migrante de Galiza - Espanha, que viera com os tios para o território ainda bebê. O relacionamento de Cartola com Pepe iniciou-se logo após a chegada do primeiro, e podemos afirmar que Cartola encontrou alguém que o enxergasse, identificava-o.

Nenhum deles se lembrou de si próprio enquanto se tornaram amigos. Estavam animados pela energia de se conhecerem, que lhes dava força para acordar. A sua imaginação alargou-se à medida que estudaram os gestos e os corpos uns dos outros. À força de se verem de tão perto, Cartola já distinguia na cara de Pepe a aproximação de uma fúria. Pepe já era capaz de medir os limites da paciência de Cartola pelas rugas da testa e os trejeitos de exasperação nos vincos dos lábios dele. (ALMEIDA, 2019, p. 168).

O relacionamento de Cartola com Pepe é muito significativo na narrativa pois ambos fazem do parceiro um lar, uma vez que os espaços físicos são negados a eles. Essa relação se fortifica quando, em um dia que Cartola bebeu demais, deixou uma brasa cair e queimou toda a casa alugada em Paraíso. O amigo se prontifica a ajudá-lo a construir novamente o barraco que fora queimado com todos os pertences, documentos e comida. A relação dos amigos foi percebida não só por Aquiles e Amândio, filho de Pepe, mas por toda a comunidade.

Paraíso também não era a mesma coisa, ainda que continuasse tudo na mesma. Já ninguém imaginava Pepe sem Cartola, embora fingissem não dar por eles. Se o entendimento entre duas almas não muda o mundo, nenhuma ínfima parte do mundo é exatamente a mesma depois de duas almas se entenderem. (ALMEIDA, 2019, p. 169).

Após meses para a construção da nova casa, pais e filhos trabalham depois do expediente até anoitecer, junto a Iuri, criança que Cartola e Pepe faziam questão de educar juntos. Nesse momento da narrativa é o mais próximo que Cartola e Aquiles chegam de ter um “lar” em Lisboa, no entanto, este lar não é físico, está no campo do simbólico, no afeto que recebe do amigo Pepe, “A casa era o túmulo da primeira vida de todos eles, um jazigo para uma família de quatro inadaptados” (ALMEIDA, 2019, p. 170). O relacionamento de Pepe e Cartola se intensifica e podemos pensar que ambos os personagens encontram no outro a falta que sentem de pertencer. Ora, se a diáspora fez com que eles não tivessem uma identidade nacional, agora pertenciam uns aos outros. “Agora que os angolanos tinham de novo uma casa e até uma criança, as vidas de Pepe e Cartola pareciam ter descoberto a direção que o seu encontro desde o princípio tinha feito pressentir.” (ALMEIDA, 2019, p. 174).

É perceptível que Cartola e Pepe não queriam que Iuri crescesse com as mesmas condições deles, ou as que eles conseguiram dar para Aquiles e Amândio e, por isso, se dedicam a cuidar da criança e lhe dar uma identidade portuguesa.

Foi o melhor Verão da vida de Iuri. Pepe e Cartola decidiram-se a resolver a vida do miúdo, agora que o projeto da casa estava concluído. «Não se pode admitir uma criança de nove anos nunca ter ido à escola», lamentava-se o angolano. «Se soubesse ler, sempre me podia ajudar na escrita», ponderava o galego, mas no fundo, no fundo, os amigos queriam estender o entusiasmo da obra, sem o qual já não suportavam Paraíso.

[...] Aquiles foi encarregado de tratar do miúdo por fora

[...] A Pepe coube tratar do coração de Iuri

[...] A medalha das lições foi o nome próprio, que o menino nunca tinha sabido escrever como devia ser e que Cartola lhe ensinou quer como se lhe transmitisse um legado quer como se Iuri fosse um selvagem que lhe tivesse cabido converter à civilização: Iuri Paulo Augusto da Silva, copiou o menino sem erros à terceira vez, na caligrafia de uma criança de seis anos. (ALMEIDA, 2019, p. 172-173).

Para os personagens, há uma necessidade em se ocuparem nos tempos que estão em Paraíso, bem como resolver a vida da criança para que ela consiga sair de Paraíso, como se soubessem que eles próprios não podiam mais.

Em um dia comum, Iuri vai até o galpão onde trabalhava com Pepe, buscar garrafas de um conhaque que estavam em falta e, sem maldade, pegou uma granada e jogou na parede, sem saber o que aconteceria. Com a morte do menino, Pepe é acusado de ser o culpado, pois mandou o menino até a taberna. Iuri morre por um dispositivo da guerra, o qual Cartola e Aquiles desconhecem.

Após a morte da criança, Pepe e Cartola não conseguiam se olhar, sentiam-se culpados e, principalmente, desesperançosos, afinal, Iuri era o menino que eles não tinham sido, e sua morte tirou toda a crença de melhoria que ainda existia sobre os companheiros.

Não tinham querido ser meninos de novo, através de Iuri, mas meninos pela segunda vez, sem saberem que o desejo de uma segunda infância era sinal de que a vida os reunira adoentados, esquecidos daquilo que os distinguia. [...] Por isso o menino morto, o seu corpo despedaçado como um jogo de damas deitado ao ar, continha a inconclusão da amizade nova que os unia. Morto Iuri, Cartola e Pepe estavam obrigados a lidar com o horizonte aberto de um livro por escrever. Ao longo de vários dias, não se viram. (ALMEIDA, 2019, p. 190).

Pepe não aguentou a pressão da perda de Iuri e suicidou-se, deixando uma carta a Cartola, desculpando-se. Nesse momento Cartola perde o “lar” que encontrou e é o fim da sua família, da esperança e de Lisboa.

A identidade de Cartola ao lado de Pepe estava em processo de construção e o amigo permitia que ele se apresentasse como era. Com a morte do amigo, não sobrou nada que o reconhecesse como alguém. Como no início da narrativa, sentiu-se invisível.

No fim, Aquiles perde-se de Luanda, pois com o tempo restou-lhe apenas lembranças vagas e distantes. O mesmo resulta ao pai, que pela primeira vez, não sente mais esperanças de uma ascensão, mas compartilha com o filho o sentimento de inexistência. Podemos observar como o suicídio de Pepe causou a morte simbólica dos personagens, que não encontraram em Lisboa a cura do calcanhar e nem a identidade portuguesa.

Pepe começara por ser uma vírgula na sua vida e tornara-se a justificação da jornada cujo fim naquele instante se revelou. [...] Estendido no pátio com o sapato de fora, Pepe era o seu único amigo, caído por desespero, por vergonha, por remorso — e por amor. Se aquele portento generoso, homem cujos erros desconhecia, estava agora aos seus pés no que Cartola via como um ato digno, Portugal terminava para o seu amigo angolano sem que o pai de Aquiles tivesse chegado a esse paraíso. (ALMEIDA, 2019, p. 197).

A busca identitária de Cartola e Aquiles na metrópole parte do princípio da ideia de ser português e, mesmo que pai e filho falassem o mesmo idioma e Cartola soubesse tudo possível sobre o país, não foram reconhecidos como cidadãos de tal. A identidade, segundo Hall (1998)

é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada" (p. 38).

A partir dos acontecimentos da narrativa, é possível pensar as diversas mudanças da identidade angolana e portuguesa ao longo dos séculos. Afinal, Hall discute justamente que a mistura cultural dos países colonizados e colonizadores se condensam e, a partir daí, não são pertencentes mais a somente uma identidade. O autor acrescenta que a identidade

é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p. 13).

Ao pensar que a identidade não é algo único e pode ser mutável de acordo com as vivências de cada um, é perceptível a importância de refletir a subjetividade presente nos textos literários e reconhecer também as outras faces da mesma história, em diferentes pontos de vista. Afinal, a história única traz consigo um poder de narrar as experiências do outro e torná-las absolutas.

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer "ser maior do que outro". Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva. (ADICHIE, 2019, p.14).

4 Considerações Finais

Com base no que foi destacado do texto literário e nas considerações levantadas pelos teóricos que fizeram parte do *corpus* deste estudo, o trabalho aqui desenvolvido teve como objetivo refletir a busca identitária enfrentada por Cartola e Aquiles e o entre-lugar atribuído aos personagens que sofrem o processo diaspórico de Angola a Portugal.

A partir dos apontamentos levantados nesta pesquisa pudemos observar os espaços ocupados pelos personagens durante a narrativa. Luanda foi lar no passado, mas a mudança significaria a ascensão. Lisboa era uma idealização, porém diante da realidade que se depararam na capital de Portugal, a cidade afastou pai e filho do centro. Paraíso foi o espaço que sobrou, simbolicamente o entre-lugar ocupado pelos migrantes que viveram a diáspora e, na mudança continental, perderam-se das identificações. Nesse sentido, ao pensarmos na busca identitária de Cartola e Aquiles, percebemos que não foi encontrada.

Hall (2006) discute justamente que “A Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia.” (HALL, 1998, p. 62) ou seja, as nações modernas são todas “híbridos culturais” (p.62). Então, nesse sentido, os espaços negados aos personagens durante a narrativa vão além da falta de uma identificação, afinal, Cartola conhece a língua e a as ruas da cidade como outros cidadãos, então, os ambientes que pai e filho são levados a seguir reforçam uma posição de subalternização, por causa também da cor e cultura. Hall (2006) explica que a raça é uma categoria discursiva, ou seja, o conjunto de marcas simbólicas como cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, são usadas para diferenciar um grupo do outro. Na narrativa, são exatamente essas características que reforçam a exclusão dos personagens.

Dado essas considerações, podemos destacar como são complexas as relações diaspóricas para os sujeitos que a enfrentam. No livro, uma vez que Cartola pensa na mudança, automaticamente se desprende de Luanda e a ida a Lisboa faz com que pai e filho mergulhem no entre-lugar, ou seja, na beirada do estado português, que, no caso desta narrativa, foi Paraíso.

Hoje, a importância em se ler Djaimilia Pereira de Almeida vai para além da valorização de sua literatura, mas também para levantar reflexões sobre os filhos do antigo império, no qual ao mesmo tempo que interrogam as relações portuguesas e angolanas atuais, também procuram conhecer uma outra história de seus países, relativa às narrativas de seus pais e avós.

Luanda, Lisboa, Paraíso deixa margem para pesquisas futuras, que não foram possíveis de se desenvolver devido ao caráter deste trabalho, que exige um recorte específico para com

a estrutura de monografia. Porém, as várias vertentes de leitura que o livro provoca, propõem muitos caminhos para trabalhos futuros.

Ler Djaimilia Pereira de Almeida e posteriormente também Chimamanda Ngozi Adichie e Frantz Fanon me fez sentir a importância da escrita negra e a sensibilidade da fala de um grupo que por muito tempo foi silenciado e apagado, mas que hoje, traduz suas vivências e pontos de vista a partir de suas experiências. Hoje, como professora de literatura e língua portuguesa, vejo a extrema importância de trazer estes autores para dentro da sala de aula para enriquecimento das discussões sobre identidade, raça, cultura.

A escrita do trabalho me fez refletir sobre a identidade e como ela se constrói junto às nossas origens. Dentro de diversos espaços da nossa vida: a escola nos anos iniciais, o trabalho, a universidade, a cidade que residimos, sempre que necessário mudar, sentimos o impacto, e mesmo quando desejada, sentimos o choque da troca. Os processos diaspóricos são recorrentes e necessários para muitos, como afirma Hall (1998) a diáspora acontece por alguns motivos, podendo ser ambientais, políticos e culturais. O trabalho apontou para a discussão sobre as identidades sociais, principalmente a partir da leitura de Stuart Hall, e consequentemente realçou o entre-lugar do sujeito diaspórico dentro da narrativa escolhida.

5 Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. 1ª Edição. Companhia das Letras, 2019 CHIMAMANDA ADICHIE: o perigo de uma única história. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt. Acesso em: 16 de agosto de 2022.

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. *Esse cabelo: a tragicomédia de um cabelo crespo que cruza a história de Portugal e Angola*. Lisboa: Editora Leya, 2017.

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. *Luanda, Lisboa, Paraíso*. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. *A visão das plantas*. 1.ed. Editora Todavia: São Paulo, 2021.

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo. *Revista Serrote*, Instituto Moreira Salles, n. 41, p. 6-20, julho de 2022.

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. Informações sobre a autora. djaimilia.com, 2015. Disponível em: <https://djaimilia.com/>. Acesso em: março de 2022.

BHABHA, Homi. *Interrogando a identidade*. In: BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, p. 70- 105.

BUENO, Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. Ed. Ver. e atual. São Paulo: FTD, 2000.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT; Alain. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. - 27ª ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2015

FANON ,Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTO, Boris. As causas da expansão marítima e a chegada dos portugueses ao Brasil. In: FAUSTO, Boris. *A história do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p. 17-30.

FERREIRA, Patrícia Martinho. A “cidadania dos mortos” na Lisboa pós-imperial: reflexões em torno de Luanda, Lisboa, Paraíso e Maremoto. In: FONTES, Maria Aparecida. CARREIRA; Shirley de Souza Gomes. OLIVEIRA; Paulo Cesar Silva de. *Poéticas em Trânsito*. Curitiba: Editora CRV, 2022.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11.ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MARQUES, Alexandra. A revolução angolana. In: MARQUES; Alexandra. *Segredos da descolonização em Angola*. Portugal: Dom Quixote, 2013, p. 23- 57.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 9-26.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. Cortez: São Paulo, 2010, p.26-52.